

## Apresentação

Vivemos um tempo rico de experiências mas cheio de incertezas e riscos. A Universidade continua a assumir um papel fundamental enquanto lugar de produção e discussão pública do saber, exigindo-se-lhe, igualmente, que participe ativamente na construção de comunidades coesas e sustentáveis. As Universidades procuram, pois, estabelecer-se enquanto parceiros sociais e culturais que recusam posições de exclusividade e se reinventam enquanto redes colaborativas e de participação ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento. Uma das transformações centrais para esta metamorfose relaciona-se com a denominada era da globalização e da sociedade do conhecimento que pressupõe sistemas educativos altamente competitivos e coerentes. Estes sistemas educativos têm em conta não só as exigências de um mundo contemporâneo globalizante mas também as questões que se relacionam com o desenvolvimento local e regional.

O Curso de Museologia tem procurado desenvolver esta via mais colaborativa, através de programas que integrem as diferentes disciplinas / conhecimentos. O Curso, para além de estabelecer parcerias de trabalho e investigação com universidades e outras instituições de ensino e investigação nacionais e estrangeiras, revê-se no seu *território próximo* com tudo o que isso implica em termos de *profissionalismo ativo* e de *agência crítica*. A abordagem “integradora” de diferentes temas-chave (temas-paradigma) que se concretiza em diferentes disciplinas e o seu aproveitamento em termos de avaliação, relaciona-se plenamente com a abolição das fronteiras disciplinares tradicionais que cada vez são menos relevantes para as competências interdisciplinares do mundo contemporâneo e da museologia, em particular. Com esta abordagem integradora dos conhecimentos, espera-se estimular o pensamento crítico e criativo, competências cada vez mais necessárias para prosperar num mundo complexo e global que desafia os limites disciplinares. Não será de todo alheia a esta abordagem, a visão de Armando Coelho Ferreira da Silva, um dos principais impulsionadores desta área de estudo, formação e investigação em Portugal que sempre e sem quaisquer reservas apoiou as diferentes iniciativas neste sentido. Neste momento de transformação do Curso fica pois, de alguma forma, este pequeno tributo a um Professor que tanto nos deu.

O Ensino Superior continuará a enfrentar mudanças importantes num mundo que se torna cada vez mais globalizado, e as universidades mais bem-sucedidas serão aquelas que sejam capazes de responder através da mudança e inovação das suas

próprias práticas. Práticas que se querem mais integradoras, abordagens de ensino e aprendizagem de importância central e de apoio às pressões da mudança. Neste sentido, a aprendizagem integradora quebra a abordagem compartimentada que muitos adotam em programas modulares, encorajando os alunos a refletir sobre a sua própria aprendizagem, e ajudando-os a reconhecer, desenvolver e demonstrar as competências que precisarão para as suas vidas futuras.

A edição deste segundo volume de *Ensaaios e Práticas em Museologia* espelha – de alguma forma – essa abordagem eclética e integradora de ensino aprendizagem assumindo aqui como objetivo principal a publicação de textos individuais e inéditos, desenvolvidos a partir de investigações académicas realizadas no âmbito do Mestrado em Museologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, entre os anos de 2008 e 2011. Este volume segue-se a um primeiro, já editado em 2011<sup>1</sup>, e pretende com ele espelhar o grosso da produção científica levada a cabo neste contexto específico, oferecendo simultaneamente a oportunidade de análise e reflexão sobre tendências e rumos da investigação académica em museologia.

Os artigos apresentados abordam a globalidade das pesquisas realizadas por cada autor ou debruçam-se, concretamente, sobre partes relevantes das mesmas, procurando, sempre, refletir uma abordagem museológica contemporânea, transversal, reflexiva e crítica. O resultado é, assim, uma compilação multidimensional bastante rica, organizada por ordem alfabética de autor e não temática pois, mesmo que pontualmente seja notável uma dinâmica discursiva partilhada, genericamente cada texto salienta um conteúdo particular.

*Alexandre Beites* coloca-nos uma série de questões que apontam para a possibilidade de se conjugar o método de comunicação de *one-to-one* e o marketing dos serviços museológicos com base no recurso a novas tecnologias. As recomendações estratégicas que aponta para os museus devem ser compreendidas, segundo o autor, no quadro da economia do turismo e do lazer.

*Ana Brilhante* assumindo como ponto de partida o inventário do acervo do Museu Ibérico da Máscara e do Traje, em Bragança, realça a importância do estudo aprofundado da constituição dessas coleções e da génese e afirmação do Museu para uma melhor interpretação e divulgação desses objetos.

---

<sup>1</sup> Disponível no endereço <http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id03id1356id2411&sum=sim>

*António Almeida* versa sobre a história dos museus com o objetivo de analisar o seu projeto de modernidade. Ao longo do artigo o autor foca com especial relevo a interpretação da epistemologia do conhecimento de Michel Foucault, no contexto do desenvolvimento do conceito de museu na Europa Ocidental.

*Carlos Mendes* reflete acerca do Museu da Resistência (antigo campo de concentração no âmbito do período fascista português) em Tarrafal de Santiago - Cabo Verde, procurando discutir o conceito de memória coletiva com base em autores como Maurice Halbwachs, Jacques Le Goff, Pierre Nora, Paul Connerton, Paul Ricoeur e Pollak. A sua análise assume que o processo de reconstrução de memória é a condição necessária para a interpretação do processo histórico subjacente, e consequentemente a possibilidade de fomentar a reflexão e discussão a partir das atividades do Museu, por meio das narrativas expositivas, dos serviços educativos ou do arquivo.

*Célia Machado* partindo do estudo de caso constituído pelo Museu do Papel Moeda (Porto) e a sua vizinhança aplicou uma metodologia de diagnóstico territorial e, consequentemente desenvolveu uma proposta de programa museológico de Animação e Mediação Sociocultural. A sua contribuição espelha a mudança de paradigma e introduz algumas das questões mais relevantes que dizem respeito ao desenvolvimento sustentado e sustentável dos territórios museológicos.

*Diana Ornellas Bencatel* apresenta a luz natural como um risco de dano para as coleções museológicas, em exposição. Esta abordagem teve como base uma investigação desenvolvida no Victoria and Albert Museum, em Londres, onde a autora levou a cabo uma avaliação, na área da conservação preventiva, que teve como objetivo detetar o risco de dano associado à luz solar num conjunto de peças de escultura a expor em duas novas galerias do museu.

*Filipa Leite* através de um novo olhar sobre as coleções artísticas e científicas que constituem o acervo da Casa-Museu Abel Salazar repensa a abordagem do serviço educativo no que respeita os públicos escolares adolescentes, ambicionando um reposicionamento deste Museu como um lugar de aprendizagem não formal.

*Geraldine Garcia* apresenta-nos uma reflexão crítica sobre as políticas e práticas de conservação preventiva do English Heritage, tendo como base a sua experiência de estágio. A análise da autora vai mais longe ao explorar o modelo de financiamento e

gestão deste organismo inglês de forma a selecionar boas práticas passíveis de serem adaptadas no panorama museológico português.

*Gilson Fernandes* enquadra a arquitetura e o museu contemporâneo num sistema especial de relações que se por um lado estimula e valoriza a arquitetura contemporânea, por outro repensa, refresca mas também instrumentaliza o espaço museológico. O texto culmina numa análise mais específica da Casa das Histórias – Paula Rego, apontando claramente neste exemplo os aspetos que validam o enquadramento previamente apresentado.

*Joana Ribeiro* explora o conceito “público” multi e interdimensionalmente. Numa escrita desafiante e crítica a autora define, apoiada por diversos autores, os prós e contras da polissemia que emoldura este termo, refletindo sobre as implicações da sua compreensão mais aprofundada no desenvolvimento do serviço público museológico e da própria museologia.

*Mariana Teixeira* traça a evolução dos museus militares portugueses à luz do envolvente contexto europeu. Esse paralelismo torna-se especialmente estimulante quando nos apercebemos da transformação de coleções visitáveis em museus propriamente ditos e de como essa constituição, instituição e afirmação vai beber inspiração a países mais preocupados com a salvaguarda do património. Na época que hoje atravessamos é inevitável que a autora nos deixe pensativos e expectantes em relação ao futuro que aguarda estas coleções.

*Natália Jorge* debruça-se sobre a pertinência dos *thesaurus* enquanto instrumentos de investigação-ação museológica, mas alerta para a necessidade de na sua construção e utilização serem atendidos princípios basilares. A partir do caso concreto do AAT – Art & architecture Thesaurus define e aplica uma metodologia de adaptação de *thesaurus* estrangeiros ao contexto português, apresentando, com especial detalhe, os progressos e vantagens desse projeto.

*Ricardo Baeta* transporta-nos para as décadas de vinte e trinta do século passado e demonstra-nos a importância da análise crítica e subliminar dos meios de comunicação. Partindo do estudo da revista *Ilustração Moderna* o autor traça o perfil do colecionismo, apresenta fenómenos artísticos em destaque e introduz-nos ao estilo *savoir-vivre* português da época, sem jamais perder de vista uma cuidadosa e estimulante análise histórico-política e sociocultural.

*Sandra Santos* percorre os corredores históricos que acompanham a evolução do museu de ciência até à contemporaneidade, espelhando as influências em termos epistemológicos e metodológicos que o fundamentam e consequentes implicações na organização de contextos expositivos e na experiência do visitante. Mas vai mais longe, tecendo ainda reflexões sobre os contributos que esse progresso tem trazido à museologia em geral e à aplicação de ferramentas e técnicas de mediação museológica em particular.

*Susana Medina* apresenta-nos a construção de redes colaborativas entre museus e/ou produtores de ciência universitários como uma oportunidade de rentabilizar recursos e ampliar o potencial criativo, orientado para o progresso das metodologias de educação científica e do próprio ato de “fazer ciência”. A partir de dois contextos: o Museu de Ciência da Universidade do Porto e o Laboratório associado IBMC-INEB, a autora analisa estratégias aplicadas e aponta pistas para a ativação de uma rede colaborativa mais coesa e dinâmica, que extravase a missão tradicional de servir a população académica científica e vá mais longe, desafiando o *status quo* em termos de impactos sociais.

*Teresa Pinhal* fala-nos da complexidade do ato de colecionar a partir do caso particular de José Régio. Fazendo uso de uma escrita, quase que emotiva, a autora traça um retrato multidimensional deste colecionador, cruzando as diferentes esferas da sua vida. Segundo a autora estudar-se uma coleção sem estudar o seu colecionador torna a compreensão dos objetos colecionados extremamente redutora e redundante, pois é ele – o colecionador – quem lhes atribui o contexto de coleção e um contexto na coleção.

*Alice Semedo, Célia Machado, Mariana Jacob Teixeira*